

## **DESENVOLVENDO O DIALOGO ACADEMIA /ONG AFROSUL ATRAVÉS DO FANZINE E DAS ARTES**

Coordenador: NAIR IRACEMA SILVEIRA DOS SANTOS

Autor: PATRICIA DA ROSA PEREIRA

A Sociedade de Ação Social Odomode tem suas raízes no grupo Afrosul de música e dança, sendo uma instituição cultural que funciona como movimento de luta e valorização da cultura negra e do direito à livre expressão do afrodescendente. Foi criado em Porto Alegre no ano de 1974, com o objetivo de valorizar a cultura negra, a luta contra o racismo e proporcionar a divulgação da história da música e da dança negra. Ao longo dos anos, o grupo vem desenvolvendo atividades nas quais destacam-se dança, música, moda e gastronomia, todas elas retratando a cultura afro-gaúcha e tendo como objetivo valorizá-la e difundi-la. É uma organização não governamental, desenvolvendo seu trabalho por uma equipe multidisciplinar. Atende atualmente cerca de cinquenta crianças e adolescentes e suas respectivas famílias, de comunidades situadas ao entorno de sua sede em situação de vulnerabilidade social, econômica, política e cultural. A instituição possibilita um espaço diferenciado para os jovens atendidos onde eles têm atendimentos de assistentes sociais, psicólogos e encontram através da arte um outro mundo. O Programa Conexões de Saberes, representado pelos seus bolsistas dentro da instituição teve como objetivo oportunizar aos adolescentes de comunidade popular acesso aos conhecimentos e ao mundo acadêmico vivenciado pelos estudantes universitários. Utilizando espaços sociais antes não conhecidos ou não frequentados por esses jovens, no caso, o espaço universitário (conheceram a escola de educação física e o campus central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Utilizando o espaço conhecido por eles (Odomode) os bolsistas do Programa Conexões tiveram a oportunidade de trabalhar, mídia, artes, esportes e a relação do negro com elas. Dentro das oficinas de artes, através de releituras discutimos o que é bonito e o que é feio através da arte, visando problematizar a questão do "quem faz essas regras", e a "quem elas servem", o quanto a estética dominante pode ser exclusiva. A importância de conhecer os mecanismos de exclusão sociais, que muitas vezes são imperceptíveis ou subliminares e sem querer, multiplicamos. Utilizamos a arte contemporânea, mostrando artistas que discutem a temática e discutindo as relações que as obras nos trazem com as nossas realidades. Fizemos exercícios de desenho cego, exercícios de criação coletiva, exercícios de exploração da visão fotográfica e criativa. O encerramento das nossas atividades se deu com

a confecção de um fanzine pelos adolescentes da instituição. No Brasil o termo fanzine é genérico para toda produção independente. Houve, uma distinção entre fanzines (feitos por fãs) e produção independente (Produção artística inédita), mas a disseminação do termo fanzine, fez com que toda a produção independente no Brasil fosse denominada fanzines. A produção de fanzines no Brasil dos últimos anos vem crescendo e tem características de reação dos artistas e público ao descaso das editoras de quadrinhos com relação a produção nacional. Neste caso, os fanzines brasileiros possuem valor cultural e serão incorporados à história dos quadrinhos brasileiros por ser uma produção expressiva de quadrinhos no país diante da pequena produção editorial no início deste século. Tendo em vista a definição de fanzine, foram desenvolvidas oficinas, onde além da confecção de um zine coletivamente, eles tiveram noção de montagem e o histórico dessa forma de comunicação. Dentro da metodologia, eles utilizaram outros zines como forma de inspiração para o trabalho. Nosso objetivo com essa atividade era desenvolver nos jovens a comunicação através da escrita e propiciar um fanzine institucional. Dentro dessas atividades, podemos perceber que houve grande engajamento dos jovens em todas as atividades promovidas pelo grupo. Em especial durante as oficinas de artes e de fanzine, se mostraram sensíveis a sua identidade e a realidade em sua volta. Nunca esquecendo de suas raízes negras e de sua origem popular. Referências bibliográficas: ÁRIES, Philippe. História Social da Infância e da família. Rio de Janeiro: Zahar, 1973 MORIN, Edgar. A cabeça bem feita: Repensar a reforma, reformar o pensamento. 10ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. MUNANGA, Kabengele. O preconceito racial no sistema educativo brasileiro e seu impacto no processo de aprendizagem do "alunado negro". In Utopia e democracia na Escola Cidadã. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.